

tas que somos empurrados com tremenda urgência a encontrar respostas para as “grandes questões” da vida: quem sou, por que estou aqui, qual é meu lugar no plano das coisas, por que o mundo é do jeito que é, o que significa um dia ter de morrer? Enquanto as respostas um tanto estereotipadas de meus pais e o metodismo simples de meus avós não conseguiam me oferecer uma luz, a nova física pareceu me trazer uma visão poética.

A emocionante equivalência entre matéria e energia, o fluxo sugerido pela dualidade onda-partícula, o nascimento e morte repentinos das partículas que eu observava nos rastros de vapor de minha câmara de Wilson caseira e a exasperante indeterminação da realidade sugerida pelo princípio da incerteza de Heisenberg, tudo isso funcionou como uma poção, excitando minha imaginação e, confesso, dando-me a sensação um tanto mística de que o Universo estava “vivo”. Meu domínio da matemática da teoria quântica na época não era suficiente para me fornecer uma explicação detalhada da natureza fundamental das coisas, mas encontrei então os rudimentos de uma fé em que “tudo aquilo significava alguma coisa”.

Infelizmente, este foi o máximo a que minha paixão pôde me levar durante vinte anos. Apesar, ou talvez por causa do curso de física, fui sendo conduzida por outros interesses, àquilo que chamamos “cuidar da vida.”

Para a maior parte das pessoas, o mundo da física parece um mundo à parte. Suas complexas fórmulas matemáticas, seus resultados experimentais aparentemente insondáveis parecem não ter nenhuma relação com o mundo das experiências do senso comum, nenhuma relação com nossas percepções e emoções, muito menos com os problemas pessoais e sociais que ocupam tão grande parte de nossas vidas. No entanto, a física, como toda ciência, começou no âmbito da experiência da vida diária. Começou com espanto e com perguntas de como e por que as coisas funcionam da forma como funcionam, com aquelas perguntas que todos nós fazemos sobre o mundo e nosso lugar dentro dele. E as respos-

tas a essas perguntas afetam a todos igualmente, sejamos cientistas ou não.

Pessoalmente, estou de novo muito preocupada com essas questões — por exemplo, quando converso com meu marido (psiquiatra e psicoterapeuta) sobre seu trabalho, sobre a estrutura do cérebro e as vicissitudes da consciência humana, ou quando ouço o que o finado Krishnamurti disse sobre a inter-relação das coisas, proclamando “eu sou o mundo”.

Desde aquela primeira conversa com o pessoal da televisão, cada vez mais me flagro usando meus conhecimentos de física quântica. Sua descrição da realidade no nível subatômico e as atividades verdadeiramente muito estranhas dos elétrons me proporcionaram um novo entendimento de certos problemas filosóficos comuns: a identidade pessoal (quanto de mim é realmente “eu”; quanto pesa este “eu”), o problema mente-corpo (o quanto minha mente consciente ou “alma” está relacionada com meu corpo material ou a outra matéria), o problema do livre-arbítrio *versus* determinismo e o problema do significado. A física quântica também me ofereceu compreensão sobre minha vida diária: dar à luz, pensar na morte, sentimentos de empatia ou mesmo telepatia com os outros, a maneira como o mundo material (por exemplo, cidadezinhas muito feias) se impõe sobre a consciência etc.

Por vezes a teoria quântica parece servir como uma metáfora útil, que ajuda a colocar essas reflexões num foco novo e mais preciso; outras vezes parece prometer ao menos uma explicação parcial de como realmente funciona a consciência e, portanto, a vida do dia-a-dia. Este livro começou originalmente como um exercício de metáfora, mas, ao se desenvolver, a metáfora cedeu cada vez mais lugar às evidências ou, ao menos, ao que se pode considerar uma especulação muito bem fundamentada a respeito da verdadeira física da psicologia humana e suas implicações morais e espirituais.

Ao escrever o livro, constatei com pesar o fato de que cada capítulo poderia — e em muitos aspectos deveria — ser uma obra completa. Contudo, como a idéia básica de nos vermos como pes-